

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 1 Janeiro – Abril 2022  
Edição Especial: Arqueologia em Quarentena

ARTIGO

## O CONHECIMENTO É O RELACIONAMENTO: CENAS DE GNOSIOLOGIA CATAMARCANA

Alejandro Haber\*

### RESUMO

Por que a arqueologia deve ser colocada em quarentena? Qual seria o vírus que a arqueologia espalha sem que percebamos? É, por um lado, uma disciplina do conhecimento, uma ciência que, como todas elas, estabelece um distanciamento entre ela e o saber leigo. Ao mesmo tempo, trata-se de conhecimentos, acumulados ao longo de décadas e séculos por povos que, muitas vezes, foram colonizados por mecanismos que incluem, justamente, a subordinação de seus conhecimentos. A violência epistêmica não é alheia à função arqueológica, uma vez que definir o que é afirmado como conhecimento válido acarreta a negação implícita ou explícita de outros conhecimentos. Além disso, o conhecimento, isto é, o que é a arqueologia e também o sobre o que é a arqueologia, está tensionado em uma luta não apenas pelo o que a arqueologia é, mas pelo o que o conhecimento é. Não é só sobre esse ou aquele saber, sobre isso ou aquilo, mas também sobre o que consideramos ser conhecimento e, fundamentalmente, o que não é. Em suma, a colonialidade está estruturalmente alojada na função arqueológica como uma luta epistêmica, uma luta pelo metaconhecimento. Assim, a arqueologia não é apenas um conhecimento hegemônico sobre povos, culturas e histórias, muitas vezes subordinadas. Também contribui de forma decisiva para demarcar a compreensão hegemônica do conhecimento. Este texto não é sobre arqueologia, mas sobre o que é a arqueologia e o que não é a arqueologia: conhecimento ou, melhor ainda, metaconhecimento.

**Palavras-chave:** conhecimento; gnosilogia; conhecimento local.

\* Escuela de Arqueología, Universidad Nacional de Catamarca. E-mail: [afhaber@gmail.com](mailto:afhaber@gmail.com). ORCID:

## KNOWLEDGE IS THE RELATIONSHIP: SCENES OF CATAMARCAN GNOSEOLOGY

### ABSTRACT

Why should archaeology be quarantined? What would be the virus that archaeology spreads without us noticing? It is, on the one hand, a discipline of knowledge, a science that, like all of them, establishes a distance between itself and lay knowledge. At the same time, it is knowledge, accumulated over decades and centuries by peoples who, many times, were colonized by mechanisms that include, precisely, the subordination of their knowledge. Epistemic violence is not unrelated to the archaeological function, since defining what is stated as valid knowledge leads to the implicit or explicit denial of another knowledge. Furthermore, knowledge, that is, what archaeology is and also what archaeology is about, is tense in a struggle for what, not only archaeology, but knowledge is. It is not only about this or that knowledge about this or that, but also about what we consider to be knowledge and, fundamentally, what it is not. In short, coloniality is structurally housed in the archaeological function as an epistemic struggle, a struggle for meta-knowledge. Thus, archaeology is not just a hegemonic knowledge about peoples, cultures and histories, which are often subordinate. It also contributes decisively to demarcate the hegemonic understanding of knowledge. This text is not about archaeology, but about what archaeology is and what archaeology is not: knowledge or, better yet, meta-knowledge.

**Keywords:** knowledge; gnoseology; local knowledge.

## EL CONOCIMIENTO ES LA RELACIÓN: CENAS DE GNOSEOLOGÍA CATAMARCANA

### RESUMEN

¿Por qué debería ponerse en cuarentena la arqueología? ¿Cuál sería el virus que propaga la arqueología sin que nos demos cuenta? Es, por un lado, una disciplina del conocimiento, una ciencia que, como todas ellas, se aleja del conocimiento lego. Al mismo tiempo, se trata de conocimientos, acumulados durante décadas y siglos por pueblos que, muchas veces, fueron colonizados por mecanismos que incluyen, precisamente, la subordinación de sus conocimientos. La violencia epistémica no es ajena a la función arqueológica, ya que definir lo que se afirma como conocimiento válido implica la negación implícita o explícita de otros conocimientos. Además, el conocimiento, es decir, qué es la arqueología y también qué es la arqueología, está en tensión en una lucha por lo que no solo es la arqueología, sino también el conocimiento. No se trata solo de tal o cual conocimiento, de tal o cual, sino también de lo que consideramos conocimiento y, fundamentalmente, de lo que no es. En definitiva, la colonialidad se aloja estructuralmente en la función arqueológica como lucha epistémica, lucha por el metaconocimiento. Por lo tanto, la arqueología no es solo un conocimiento hegemónico sobre personas, culturas e historias, que a menudo están subordinadas. También contribuye de manera decisiva a demarcar la comprensión hegemónica del conocimiento. Este texto no trata de arqueología, sino de qué es la arqueología y qué no es la arqueología: conocimiento o, mejor aún, metaconocimiento.

**Palabras clave:** conocimiento; gnoseología; conocimiento local.

Por que a arqueologia deve ser colocada em quarentena? Qual seria o vírus que a arqueologia espalha sem que percebamos? É, por um lado, uma disciplina do conhecimento, uma ciência que, como todas elas, estabelece um distanciamento entre ela e o saber leigo. Ao mesmo tempo, trata-se de conhecimentos, acumulados ao longo de décadas e séculos por povos que, muitas vezes, foram colonizados por mecanismos que incluem, justamente, a subordinação de seus conhecimentos. A violência epistêmica não é alheia à função arqueológica, uma vez que definir o que é afirmado como conhecimento válido acarreta a negação implícita ou explícita de outros conhecimentos. Além disso, o conhecimento, isto é, o que é a arqueologia e também o sobre o que é a arqueologia, está tenso em uma luta pelo que não apenas a arqueologia, mas o conhecimento é (ou melhor, o que é o verdadeiro conhecimento, o legítimo, o reconhecido um, em suma, o superior). Não é só sobre esse ou aquele saber, sobre isso ou aquilo, mas também sobre o que consideramos ser conhecimento e, fundamentalmente, o que não é. Em suma, a colonialidade está estruturalmente alojada na função arqueológica como uma luta epistêmica, uma luta pelo metaconhecimento. Assim, a arqueologia não é apenas um conhecimento hegemônico sobre povos, culturas e histórias, muitas vezes subordinadas. Também contribui de forma decisiva para demarcar a compreensão hegemônica do conhecimento. Colocá-la em quarentena, trancá-la entre parênteses, fazer uma pausa para pensar e repensar nela pode ser um exercício com consequências inusitadas. Neste texto, a arqueologia foi deixada entre parênteses, talvez, em quarentena. Para aqueles de nós que buscamos refúgio do vendaval nos laços relacionais, bem como nos seus anseios, talvez percebamos como a vacina esteve disponível todo esse tempo. Este texto não é sobre arqueologia, mas sobre o que é a arqueologia e o que não é a arqueologia: conhecimento ou, melhor ainda, metaconhecimento. Uma vez que as premissas e regras, os procedimentos e os limites são colocados em quarentena, o conhecimento como representação do mundo embaça seus álbis e é encontrado na relação; não como um novo foco de atenção, mas como o que é. Ao contrário do que as ciências sociais promovem como conhecimento sobre o relacionamento, conhecimento é relacionamento. Retornando a relação ao centro da cena, o conhecimento não representa a relação, mas como o que, em última análise, ela é.

#### FRACASSO E GLÓRIA NA TV

Nos dias de hoje na televisão, fiquei surpreso com certos comportamentos na tela. Com estupor, me pergunto por que, em vez de um cozinheiro, chamam na televisão um pesquisador do Conicet<sup>1</sup> para ensinar a fazer iogurte em casa. É bom que a quarentena force o desenvolvimento de novas habilidades caseiras, e que os gêneros tenham perdido a caracterização que costumavam ter, mas o que é incomum é o tipo de conhecimento convocado para a ocasião. Científico, objetivo, replicável, preditivo, este é um verdadeiro iogurte. É que o conhecimento científico atingiu níveis sem precedentes de consideração social. São os cientistas que deliberam para que as autoridades adotem as medidas de isolamento adequadas, e são os cientistas que são o alvo dos atiradores que militam na pandemia. E o mais incrível é que a glória vem justamente no momento em que a ciência moderna exhibe, perplexa, seu fracasso mais retumbante: não foi capaz de prever, e ainda não pode evitar, a propagação da pandemia, o que os próprios cientistas especializados na matéria não se cansam de reconhecer. Nada pior para um mundo que concebe o conhecimento como instrumento de controle do mundo: a ciência não sabe. Estratégias

---

<sup>1</sup> Conicet, sigla para Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica, é a principal e, talvez, a mais prestigiosa organização dedicada à pesquisa científica na República Argentina.

medievais, tentativas com medição de erros, estatísticas descritivas que não antecipam. O conhecimento científico vem perdendo o jogo e, embora possa eventualmente triunfar sobre a pandemia (e espero que o faça o mais rápido possível), as consequências dos danos serão imensas e irreparáveis. O paradoxo é que, mesmo assim, este é o momento em que o conhecimento científico ganha um grau de autoridade tal que basta mencioná-lo para até ter um cientista ensinando a fazer iogurte em casa em vez de um cozinheiro. O conhecimento científico tem um prestígio sem precedentes nos dias de hoje, mas este, sob protesto dos cientistas, emana de critérios extra-científicos: o valor social – a glória – do conhecimento científico lhe é conferido por sua origem de campo, por seu valor como signo, não por algum critério de validação aceito dentro do campo. No rigor científico, seu sucesso é igual a seu fracasso. As disciplinas sociais que se olham no espelho das ciências duras, como a economia, não tiveram melhor sorte. Na falta da parcimônia da ciência pura, os economistas não deixaram de errar em suas previsões e receitas, embora tal comportamento venha ocorrendo há décadas e possa não ter nada a ver com a doença. Os economistas não têm crédito.

Como se não bastasse o paradoxo, ao racionalismo científico em seu momento de fracasso e glória, surge um vento contrário: o irracionalismo extremo. Terraplanistas, antivacinas, paranoicos das conspirações, neo-racistas, ultraliberais, anarquistas proprietários, e toda a espécie de curiosidade feirante, onde antes a mulher barbada, o homem-bala e a flor asteca, estreiam seu momento de fama fascista. Da suposta trincheira de saberes alternativos e contra-hegemônicos, militam a morte, o racismo, o patriarcado e, sobretudo, o ódio. Onde quer que eles tenham conseguido se aproximar do poder, há volumes maiores de ódio, patriarcado, racismo e morte. E há cada vez mais lugares onde eles não param de se aproximar do poder. Com origem em alguma revelação divina, o conhecimento em que se baseiam enuncia a justificação do privilégio. A correspondência com alguma realidade não é tão importante para eles quanto a circunstância hiper-real segundo a qual o mundo é enunciado por seus verdadeiros donos. E estes não negociam sua versão do mundo com conhecedores de pouco valor: ninguém conhece o mundo melhor do que aquele que o conquistou.

O tempo do risco tornou-se presente como um concurso de conhecimentos. Entre a força da razão, contra as cordas do ringue, graças ao vírus e à razão da força que agita os ventos ameaçadores da fúria, é urgente pensar no conhecimento, ou melhor, na relação entre o conhecimento e o mundo fora do presente confinamento. Se é verdade que as humanidades estão em risco, elas estão em seus sentidos humanos mais ocidentais: o conhecimento como um agenciamento logocêntrico do mundo. Não é na disputa entre ciência e anti-ciência que a relação entre mundo e conhecimento deve ser resolvida. Nem nos esforços para restaurar a normalidade no horizonte. Não é além, mas mais aqui no Ocidente que prefiro pensar nos sentidos do conhecimento, pois parece ser o caminho para afastar o risco presente e, sobretudo, o futuro. Pois o risco não é tanto a propagação imprevista de um vírus mortal, mas as condições sociais e epistêmicas que o tornaram possível. Essas condições não serão diluídas com vacinas ou tratamentos, mas prometem criar a anunciada nova normalidade, como se a velha normalidade já não tivesse causado danos suficientes.

Então, desligo a tela vibratória. Volto para o campo e para a sala de aula, onde só posso pensar novamente. Não me interessa simplesmente como acessar o conhecimento, como torná-lo útil ou eficiente. A questão será ainda mais básica: o que é conhecimento? que forma tem? Essa questão tem respostas diferentes das usuais quando pensada a partir da relação social como uma corrente de vida, ao invés da relação social como um espetáculo, o que não equivale a tornar a relação objeto de pensamento, mas seu domicílio. Algumas cenas que os convido a visitar, que nada têm a ver com os gritos de

ódio que hoje proferem os conquistadores do mundo, questionam o saber moderno, ou melhor, os sentidos do saber.

#### NA SOMBRA DO DESLIZAMENTO DE TERRA

Em 1994, um geólogo do Ministério de Minas da Nação examinou as fotos aéreas da parte norte de Belén, Catamarca, e detectou a existência de um único morro que não desabou sobre o vale do rio. É a colina ao pé da qual fica a vila de Termas de Villa Vil. Soa o alarme: em 5 minutos, um deslizamento na encosta pode engolfar a vila. O estado provincial está mobilizado: as Direções de Habitação, Registro Predial, Estradas, Energia e Obras Sanitárias são promovidas por Decreto do Poder Executivo para organizar a transferência da vila para a outra margem do rio. Após levantamento do Ministério de Minas e estudo social da Defesa Civil, é solicitada a assessoria das Forças Armadas e de Segurança e a Universidade Nacional de Catamarca é convidada a colaborar, enviando para a área uma equipe interdisciplinar integrada por geólogos, geógrafos e uma antropóloga. Depois de alguns meses de intensa atividade, o projeto de reassentamento de Villa Vil foi abandonado por dois motivos: o Estado não obteve financiamento para a obra e a população de Villa Vil resistiu firmemente a ser realocada. Vinte anos depois, pesquisamos as razões da resistência local.

Em conversa com os protagonistas da resistência à realocação de 1994, encontramos dois conjuntos de atitudes (IRIARTE, 2013). Por um lado, a vila de Villa Vil manifestou desconfiança em relação ao conhecimento especializado. O diagnóstico dos técnicos não era confiável por não conhecerem o morro. Por outro lado, mas em relação ao anterior, suspeitaram de interesses políticos ou mineiros após o projeto de realocação. Vamos ver alguns depoimentos:

Celestina Miranda de Pachado:

Não acreditávamos em nada disso que Villa Vil ia se perder, tínhamos a certeza de que o que os cientistas diziam não era verdade, porque na nossa imaginação não era exato que ia cair. A gente viu que (o morro) ia morar lá porque Deus colocou lá e tem que estar lá. Por ali acreditávamos que em algum lugar pudesse aparecer um declive, que está descoberto, que a água cai, porque tem um cortador em baixo, porém, nunca senti medo, dormimos pacificamente nesse sentido porque vimos que o morro estava bem, e eu andei tudo, eu o conheço como ele é. Para mim, era tudo política.

Por sua vez, Leila Segovia afirma:

Quando chove muito, sinto que a terra se acomoda, por isso precisa de mais água e para mim seria o caso, a terra se acomoda para receber a água. São meus pensamentos, não sei se vai ser assim mesmo, é como se a terra estivesse se adaptando, ela tem vida própria, é uma outra forma de entender o que está acontecendo com o fenômeno, as pessoas de fora entendem de forma diferente. Quem é daqui conhece o morro, eu andei por ele e andei por ele e por isso não se pode dizer que isso vai abrir em um segundo. Talvez ele desconfiasse onde há buracos porque se ouviam ruídos vindos de baixo, mas aqui não há lugar vulcânico; pode haver alguma erupção, mas acho que não, porque esses buracos estão sempre sendo ventilados. Também não acho que sejam áreas vulcânicas porque nesses lugares eles têm aberturas que têm declives com água, e ruídos são ouvidos como a água descendo onde há buracos, e enormes jatos de água saem abaixo, mas é água cristalina e muito natural. Eles não entendem de fora, você tem que estar aqui e conhecer no morro. É algo que sabendo, sabe-se que não pode acontecer (IRIARTE, 2013).

No passado, o mundo daqueles que se dedicam ao conhecimento parecia um mundo um tanto separado, isolado do mundo usual, cotidiano, em uma palavra, mundano. A imagem de cientistas em jalecos brancos rodeados por pipetas e tubos de vidro, ou trancados em bibliotecas empoeiradas em busca de escritos antigos, parece ter sido esquecida. Hoje a ciência é aplicada, é pensada para a sociedade – seja ela qual for – e é medida por sua utilidade. A ciência deve então ser aplicada, o conhecimento deve ser útil, os cientistas devem vir para resolver as demandas sociais. Entre a sociedade civil e a ciência, o estado assume as demandas, planeja as respostas e desdobra as ações. Esse é o esquema que, pelo menos em teoria, vincula Estado, ciência e sociedade. Já associado ou paralelo ao Estado, o mercado é muitas vezes a força que liga o conhecimento à sociedade. A criação do conhecimento, portanto, faz sentido no circuito que, direta ou indiretamente, o leva a se reconfigurar em ordem pública ou em mercadoria. Infelicidade, pobreza, doença, violência seriam apenas corrupções de tal circuito virtuoso. Chamamos de disciplina e pós-disciplina às caracterizações de ciência orientadas respectivamente para a verdade ou para o bem comum, como quer que aquela ou este sejam definidos, considerados ou representados.

Dentro desta rede de pensamento pós-disciplinar, é muito difícil compreender a rejeição popular às políticas públicas, sem recorrer facilmente a apontar o desconhecimento ou incompreensão, o isolamento ou a espúria ação ideológica. No entanto, quanto mais territorializadas as intervenções, mais desconfiança local, ou indiferença, senão rejeição aberta, parecem se reunir. Não raro, as comunidades cerram fileiras em oposição aos projetos que as afetam; há numerosos casos em que são combatidos com sucesso. As mobilizações territoriais que respondem às intervenções produzem fraturas e realinhamentos locais que, por si só, constituem equilíbrios negativos dos projetos de intervenção territorial, por mais louváveis que tenham sido os objetivos. Muitas outras vezes as comunidades não se confrontam abertamente, mas param de fingir que se ignoram, talvez porque saibam que isso não as modifica substancialmente, ou o custo e os riscos de um confronto são julgados muito altos e fora do alcance de suas próprias forças ou dinâmicas da comunidade. Qualquer que seja a atitude local em relação aos projetos de intervenção, o que eles colocam em jogo é uma competição pelo conhecimento. Quem sabe (ou sabe melhor ou mais a fundo) é o que resta como pressuposto das intervenções, bem como das respostas a elas. O que equivale a dizer que o que está na base da disputa, mesmo que não seja afirmado, são ideias diferentes sobre o que é o conhecimento, em que consiste o saber, quais são os atributos dos conhecedores e as formas de acesso a ele. Os cenários locais de intervenção de projetos extralocais – que muitas vezes são sustentados por discursos globais como, por exemplo, os das disciplinas acadêmicas, os de objetivos de desenvolvimento, etc. – são contextos particularmente férteis para observar como o conhecimento, uma das bordas privilegiadas da modernidade, roça contra seu próprio contorno. Essa borda corta, dói, mas também é roubada, fica entediante. E o atrito tende a trazer seus próprios pressupostos: o conhecimento, mas também o que ele é. É o lugar onde podemos dizer que as fricções locais dos designs globais geram confrontos de metaconhecimento.

Para os geólogos, o acesso ao conhecimento tem métodos e objetos precisos. Não é necessário entrar em detalhes aqui, mas a disciplina de geologia tem, como todas as disciplinas, sua história, suas instituições, seus métodos, enfim, um campo já delimitado. Fora desse campo, porém, o conhecimento geológico sobre, por exemplo, a relação entre um morro e um vale não é avaliado pelos cânones disciplinares de validação, mas pelo fato de se originar de um campo disciplinar. Os relatórios que os geólogos trazem aos funcionários estaduais são lidos pela marca do campo disciplinar que os procedimentos de validação disciplinar implicam, e não pelo caminho lógico defendido na linguagem

disciplinar. A origem disciplinar – ou seja, o contexto sociológico do conhecimento – é o que, em última instância, lhe confere o valor hegemônico. Na leitura do Estado, a ciência – disciplina – funciona mais como signo da validade do conhecimento, da hegemonia epistemológica, do que como conteúdo de algum procedimento rigoroso. Isso – mesmo quando existe – não faz realmente parte do conteúdo do conhecimento. Funcionários e operadores carecem de habilidade para decodificar os tecnicismos da linguagem disciplinar, mas, em vez disso, sabem interpretar a marca epistemológica do conhecimento, seu signo hegemônico. A atração do conhecimento científico dada por sua marca simbólica também supõe um consenso epistêmico básico. Qualquer eventual misticismo do oficial (por exemplo, o diretor da Defesa Civil poderia ser um devoto fiel da Virgem do Vale) é colocado entre parênteses contra a aceitação tácita dos pressupostos epistêmicos do relatório: o morro é uma matéria espacialmente organizada governada por leis mecânicas.

Embora a epistemologia disciplinar e a episteme moderna não estejam ausentes de Villa Vil, elas não parecem governar a vida de seus habitantes. Estes estabelecem outras relações, e nessas relações o conhecimento tem outros significados. “(...) Fala-se dentro do que se conhece, cresci aqui, é assim que conheci o lugar, não vejo nada de estranho, por isso defendo o meu povo” (2.3.1995, IRIARTE, 2013). O conhecimento não é algo que se obtém através de uma série de procedimentos de observação, análise e interpretação, ou seja, métodos sensoriais e racionais replicáveis, digamos: design. Em vez disso, ser “criado aqui” é o que leva ao conhecimento. Ser criado aqui é entendido como um conjunto de relações com a família, os vizinhos e o lugar, relações nas quais se torna um habitante, um crioulo, enfim, um acontecimento não replicável, ou seja, um desígnio. Essas relações com a comunidade local de seres são o conhecimento desses seres e as relações entre eles. A intimidade cultural é o conhecimento, algo que nenhum estudo geológico – ou qualquer outra disciplina – pode alcançar. “Eles não entendem de fora, você tem que estar aqui e conhecer no morro. É algo que sabendo disso, sabe-se que não pode acontecer”, explica Leila Segovia.

Essa intimidade cultural não significa que sejam todos iguais, mas que todos se relacionam, e que essas relações pressupõem ocasiões, modos, oportunidades, obrigações que devem ser atendidas. As relações entre os seres não são regidas por meras relações físicas externas a eles, mas por relações de relações, modos de relações possíveis, reguladas social e ritualmente. “Esta é a minha relação com a terra, a terra é a mãe que temos, porque trabalhamos, vendemos de tudo, como pimentão e cominho e temos vindo a adquirir graças a Deus e à Virgem. Além disso, o morro está aqui”, descreve Celestina de Pachado.

O conhecimento moderno é considerado necessário para a intervenção na realidade; assim, a ciência e a política (ou a ciência e o mercado) constituem uma sociedade fundamental na modernidade. Mas a gnosiologia de Villa Vil não assume o conhecimento como uma apropriação intelectual-racional da realidade anterior à intervenção nela. Em Villa Vil, o conhecimento é uma parte necessária da vida: os seres que convivem na comunidade são conhecidos e suas formas de convivência são conhecidas. Esses seres se tornam assim enquanto (e porque) coabitam, ou seja, não estão fora de seus relacionamentos mútuos, mas dentro deles. É por isso que conhecer e viver juntos são a mesma coisa. Nesse contexto, o desconhecimento é a pior afronta, pois implica ignorar a relação mutuamente constitutiva, negando a relação de convivência, de estar na relação mútua. Assim, aqueles que se enfrentam dispostos a se matar são desconhecidos.

Nesse sentido, projetos de intervenção que utilizem o conhecimento científico-acadêmico como se fosse o único conhecimento possível ou desejável e o apliquem em

mundos locais, mesmo em busca de objetivos desinteressados, ignoram o conhecimento e o metaconhecimento locais, sua epistemologia e sua episteme, o que em termos de Villa Vil seria uma ignorância epistemicida. Celestina de Pachado sintetiza que “Essa é a questão de conhecer a terra, por isso foi mais fácil mover ao morro do que mover as mesmas pessoas”. As pessoas não se mudam do local por causa de seu conhecimento; na avaliação local da disputa, o diferencial de poder, claramente favorável ao Estado, não importava, mas sim o diferencial de conhecimento. A ameaça pairava sobre Villa Vil não apenas porque um conhecimento era válido ou não, mas porque era um conhecimento contrário e ameaçador à relação do conhecimento local as relações de coabitação entre a comunidade local de seres. A disciplina que busca a verdade é reconvertida em uma pós-disciplina que busca o bem social. Mas, nisso, implica um desconhecimento das relacionalidades locais. Uma ignorância que ameaça a vida da comunidade. “Defender o povo” é uma expressão que assume, assim, o seu real significado quando se trata de rejeitar tanto a deslocação como a previsão do desabamento da colina.

A defesa do povo, a mobilização territorial só pode ser entendida atendendo ao domicílio do saber. O lugar hegemônico do conhecimento científico é geralmente imune à coexistência de outros domicílios epistêmicos; o conhecimento local, por outro lado, deve assumir a dupla tarefa de construir a teoria local, mas sempre em relação ao conhecimento e ao metaconhecimento hegemônicos. Leila Segovia insiste, elaborando um saber local em relação ao hegemônico. Ao contrário do que o conhecimento hegemônico costuma representar, este é o lugar de isolamento e não o saber local, que só em relação – subalterno, aliás – tem conseguido sobreviver como domicílio epistêmico.

Ora, essas não são águas calmas para um curso que se pretende enquadrar academicamente. A praia da teoria local, se levada a sério, abala os alicerces sobre os quais assenta o negócio do saber acadêmico, científico se quiser, por onde o pé chega ao continente. A própria investigação pela qual o conhecimento local e suas potencialidades epistêmicas são reconhecidos se insere em um campo cujos contornos, métodos, objetos, rituais e instituições o configuram como hegemônico. O fato de ser uma investigação social ou humana não a afasta da enunciação hegemônica do que se fosse geologia ou física. A estrutura disciplinar de validação do conhecimento também é reciclada pela pós-disciplina, para além das diferenças “disciplinares”, ou seja, de conteúdo e definição. A intervenção em Villa Vil revela também o plano de intimidade epistêmica que possibilita uma associação ativa entre ciências naturais, ciências sociais, universidade e Estado. Associação essa não apresenta fissuras significativas, exceto quando é territorialmente resistida.

## OS DEUSES GENTIOS

Enquanto em Antofalla, Antofagasta de la Sierra, Catamarca, Antolín e sua família me pedem para cavar em sua pastagem (HABER, 2016). É a primeira vez em tantos anos que alguém da comunidade local me pede para cavar. Eles irrigam sua pastagem inundando-a por vários dias com água de um canal. E eles me explicam que a água “se perde por um buraco”. Como viram algumas pedras grandes no buraco, presumem que isso tem a ver com arqueologia; sendo o arqueólogo, obviamente é minha tarefa. Eu examino o local e parece ser uma tumba, semelhante às câmaras subterrâneas em falsa abóbada comuns na arquitetura funerária da área. A presença de duas grandes pedras no fundo do vale me sugere que estas foram transportadas das encostas onde existem pedreiras dessas grandes rochas. Nunca gostei de escavar restos humanos e, presumindo também que escavar restos humanos traria sentimentos contraditórios, conversei com Antolín e sua família sobre a possibilidade de o buraco ser uma tumba. Para minha surpresa, Antolín me pergunta se, sendo uma tumba, seria de cristão ou gentio, e ele não

mostra nenhum interesse particular quando eu respondo que, em minha opinião, seria gentio. Em vez disso, ele fica com raiva quando sugiro perguntar ao resto da comunidade sobre a eventualidade de cavar uma tumba. Percebe minha sugestão como um desafio aos direitos exclusivos daquela parcela de terra. Os direitos à terra são consequência do cuidado com aquele lugar específico, um meta-padrão que chamei de *uywaña*. Com o tempo, a bondade do relacionamento se torna evidente para todos em termos de uma terra bem protegida, muitas ovelhas gordas e uma família bem-criada.

Com a nossa conversa em mente, passo os próximos dois dias escavando o buraco, onde felizmente não encontro nada mais do que uma tigela de cerâmica quebrada, as duas grandes pedras e a ideia de que, se fosse realmente uma tumba, a quantidade de água que correu por lá por vários anos foi, pelo menos em parte, responsável pela lavagem dos restos orgânicos e pelo deslocamento das pedras de sua posição original. Apresento meu relatório a Antolín, mas acho que a obra não está terminada, pois, como ele me diz, o buraco, que então está bem escovado e fotografado, deve ser tapado para que a água inunde a pastagem em vez de se perder lá. Consigo deixar a parte do recheio para o Antolín, que também quer retirar as duas grandes pedras para a construção. Na manhã seguinte, com a firme intenção de ficar longe da extração daquelas duas pedras gigantes do buraco no chão, novamente Antolín me pega de surpresa. Ele e dois vizinhos se reúnem em volta do buraco prontos para a tarefa e, antes de fazê-lo, despejam ali álcool e folhas de coca, acendem um cigarro no chão para cada um dos presentes. Remover as pedras exige um pagamento ritual para elas. Ritual esse que é feito no mesmo lugar onde a possível sepultura de um gentio não tem importância para o mesmo povo.

Devo dizer que a relação com a terra neste cenário é muito mais próxima da relacionalidade local do que da cristã ocidental, apesar da categoria de identidade metacultural. Na episteme de Antofalla, espaço e tempo são o mesmo que lugar, isto é, meu lugar habitado. E a ideia da terra não é uma dimensão como na episteme ocidental, nem mesmo é uma coisa como no pensamento ocidental do outro. Pacha, um conceito de 'espaço-tempo' e 'este lugar', e o substantivo raiz de Pachamama, a chamada Mãe Terra Andina, só faz sentido como uma rede de relações vividas na qual os seres desta comunidade expandida se tornam. Mas, novamente, não se trata de entendê-la apenas como um objeto, mas como um ser sensível e poderoso, isto é, um deus. Assim, as relações vividas na comunidade cósmica ampliada, na qual cada ser se eleva, cresce, se reproduz e morre, são elas próprias agenciamentos territoriais e sagrados. A própria vida, sendo um deus, atua em cada ser por meio de relações recíprocas e assimétricas de criação e destruição. Esses são relacionamentos que não podem e não devem ser ignorados; reproduzir e reativar as relações em que os seres estão é o conhecimento (HABER, 2016).

O sentido relacional do conhecimento descreve a magnitude das lutas dos sentidos com o território e o alcance da política do conhecimento em situações de fronteira. Está na base desta cena e poderia facilmente ser aceitável que também estivesse na base da cena em Villa Vil. O que direi agora é que é o mesmo com relação às duas cenas seguintes, que não estão alojadas nos confins da cartografia do conhecimento, mas em suas próprias entranhas: ali, a sala de aula da universidade, onde se produzem os conhecedores especialistas, onde o conhecimento hegemônico é reproduzido.

## A FÁBRICA DE BISCOITOS

Victoria é doutoranda em ciências sociais e inscreveu-se no seminário sobre metodologias descoloniais. Ela realmente não sabe por que fez isso; muito menos ela sabe como sua pesquisa, consistindo em um tratamento estatístico do uso de drogas entre a população adolescente e jovem, poderia entrar no caminho descolonial; talvez, eu acho, deva sair do seu caminho. Entre 30 alunos em uma sala reciclada da fábrica de biscoitos,

pergunto com que direito ela interfere na vida de adolescentes e jovens, quem se beneficia de suas pesquisas; algumas questões que buscam devolver ao seio das relações sociais aquilo que se apresenta como uma relação única de conhecimento. Victoria aprofunda sua confusão. Ela se vê agindo na intervenção do Estado sobre os jovens; mas, acima de tudo, e, portanto, ao constrangimento, ela se vê interposta. Minha insistência e seu compromisso acabam por forçar a violência: ela traz para nossa conversa sua história de adolescente membro de um grupo de consumidores; 'a festa' em sua própria língua; a formação de relações constitutivas; a intervenção do Estado (de repente acenderam a luz); a dissolução do grupo, alguns processados, outros internados em instituições de saúde mental; ela, totalmente imersa nas ciências sociais quantitativas, transformada em especialista em tratamento estatístico das populações, consultora no exterior, com o seu lugar no mundo, fora do seu mundo, até o momento. Diante do panorama de sua ciência, atuando contra os interesses de sua solidariedade constitutiva, decidimos que a investigação retomasse a conversa interrompida: ela visitou sua melhor amiga na época, internada em uma clínica psiquiátrica, a quem relatou sua pesquisa. Em conversa com sua amiga, em visitas sucessivas, Victoria empreende uma mudança epistêmica, retomando sua solidariedade subjetiva. Como exercício metodológico para descrever os antagonismos epistêmicos de sua pesquisa, ela apresenta um ensaio feito em colaboração com sua amiga: uma boneca em forma de homem feita com as caixas de remédios com que a amiga é medicada (SÁNCHEZ ANTELO, 2011). Trata-se de um enunciado semioprático da relação em que ambas se encontram (GROSSO, 2008). O consumo de entorpecentes entre a população jovem desaparece como objeto; a pesquisa não precisa de mais objetividade, mas de mais subjetividade. O conhecimento não era um conjunto de afirmações sobre o mundo proferidas de fora dele, mas um tecido relacional no qual os seres estão. O conhecimento científico social, como todo conhecimento disciplinar em geral, opera como um bisturi, rompendo as relações constitutivas dos tecidos vitais e transplantando os órgãos removidos em relações completamente diferentes com sentidos novos e diferentes, na maioria das vezes, contrários aos que eles tinham em seus próprios mundos relacionais. A metodologia disciplinada é o principal dispositivo pelo qual os corpos investigativos exercem enorme violência sobre si mesmos e sobre seus mundos. A angústia, o choro e os ataques de pânico, que costumam ocorrer quando se cruzam a definição do objeto de investigação e a enunciação de um referencial teórico, são os gritos desesperados da subjetividade que não só se afasta de sua solidariedade constitutiva, mas também se converte em agente que implementa esse estranhamento.



**Figura 1.** Declaração indisciplinada da situação da pesquisa sobre o consumo em populações jovens (Fotografia: Victoria Sánchez Antelo).

A disciplinada metodologia colonial moderna é provavelmente o dispositivo mais tenaz da violência colonial, por meio da qual são superadas as subjetividades mais resistentes, mesmo aquelas que pensam em tom descolonial. É na hora de enunciar os protocolos metodológicos da investigação, ou seja, da nossa relação com o mundo, que costumamos renunciar à nossa solidariedade. E isso não é por acaso, mas porque não é apenas a nossa capacidade de fazer do mundo um objeto, mas o seu outro lado: o de nos tornarmos sujeitos objetivantes, isto é, pesquisadores, sujeitos que se atribuem à

faculdade de atribuir valores para o mundo. E, nesse processo, separar as relações de conhecimento das relações sociais expandidas é instrumental. Os relacionamentos violados, porém, não desaparecem, nem mesmo estão desaparecendo. Seu caráter evestigial, ou seja, a simultaneidade de passado e presente, de presença e ausência, configura agenciamentos espectrais que não deixam de ser silenciados. Reconectar-se com essas relações pode ser um exercício difícil, mobilizador e fundamental. Afinal, é a universidade, como lugar de produção do conhecimento hegemônico, um dos campos de batalha, que desencadeia as lutas pelos sentidos do conhecimento.

Colocar subjetividades em planos antagônicos de interesse sociopolítico e epistêmico, religar relações negadas e reprimidas, expandir tanto quanto possível a subjetividade são tarefas de uma nometodologia, uma arqueologia indisciplinada que busca escavar as camadas de violência que intercalam presenças e ausências.

## OS FUNDOS DO CONVENTO

Viviana é doutoranda em antropologia e frequenta, por obrigatoriedade, o seminário de metodologias descoloniais. Com relutância, ela conta sua pesquisa sobre as canções das mulheres de um bairro afro de Cali. No grupo de 9 alunos da sala construída nas traseiras do antigo convento, talvez onde dormiam os criados, sempre com comedido carinho e marcado respeito, sinto a sua frieza e desconfiança. Ela mantém seu corpo afastado ao se distanciar com um forte aperto de mão. Com a mesma desconfiança, ela resiste em responder à minha pergunta: por que ela implanta os dispositivos da ciência naquela população, com que direito o faz, cui bono? Preocupa-me que, por ser afro e procedente de Cali, suas pesquisas folclóricas a apresentem como se não tivesse nenhuma relação com seu "objeto de estudo". Relutantemente, ela assume uma justificativa que rapidamente a localiza. Viviana aprendeu as canções da avó, desenhando o véu da relação social negada na investigação. A cada reunião do seminário, caminha em reconhecimento de si mesma e de seu mundo. As canções não são meros dados culturais, são o veículo cantado pelas mulheres nos velórios que permitem ao espírito dos mortos regressar à costa do Pacífico, território de origem da população afro-migrante de Cali, da qual Viviana faz parte. São as canções que Viviana terá que cantar para a mãe, são as que a filha terá que cantar para ela, para que seus espíritos voltem aos rios e aos manguezais costeiros. As canções não poderiam ser objetos de conhecimento antropológico sem enorme violência sobre a subjetividade, mas são, ao contrário, o conhecimento em si de uma comunidade afro em Cali, um conhecimento que é antes de tudo o cuidado das relações nessa comunidade. Seu corpo me abraça na despedida, trememos e choramos de carinho. É ela quem me abraça, e com ela, a história dos migrantes afro do Pacífico Sul, uma história que é ao mesmo tempo uma expectativa de retorno. O significado de um mundo está em sua relacionalidade, que não é declarada, mas relacionada na música. A metodologia disciplinada não apenas seccionou os laços constitutivos entre mulheres e espíritos e as relações significativas com o território, mas também instalou Viviana como sua executora. Uma abordagem situacional da pesquisa permite estabelecer a cartografia antagônica e, como na pesquisa de Viviana, quando a situação é aquela em que a relacionalidade foi violada por uma distribuição topológica entre conhecedores e objetos de conhecimento, a cartografia indica o lugar exato no qual a metodologia disciplinada nos levou a viver: um campo de batalha em que a nossa solidariedade constitutiva está disposta na linha de trincheiras, em que as armas do exército do qual nós mesmos nos tornamos parte apontam. Depois do choque, abre-se a possibilidade de se mover, uma mudança da casa do pensamento (BANGUERO CAMACHO, 2017).

## AS PORTAS DO CONHECIMENTO

Desde os primeiros dias da pandemia, triângulos celestes começam a aparecer nas portas das casas dos povoados de Catamarca. Aparentemente fazendo parte de um exercício de escolarização a distância, essas figuras de papelão colocam a Virgem do Vale para guardar a entrada de cada casa. Não faltam pessoas que leiam esse comportamento em sintonia com o irracionalismo, desta vez religioso, que ignora o conhecimento científico de sua eficácia mediadora com as forças da natureza. Ou seja, ela tranca as portas de Catamarca na mesma armadilha dicotômica entre ciência e anti-ciência que a luz da televisão projetava. Não é, eu acho, uma marca metacultural. Em vez disso, um senso relacional de conhecimento apoia a interjeição triangular celeste (REMENTERÍA 2015). Uma relação com os deuses, que protege o lugar habitado, que o ameaça, que ao mesmo tempo é uma relação entre pais e filhos, que se criam em casa, que ao mesmo tempo é uma relação com outros humanos. O espaço-tempo da casa é onde flui o relacionamento, e também flui no relacionamento. Os corpos vizinhos conhecem o triângulo por suas próprias portas igualmente trianguladas, isoladas em relação. O conhecimento não é sobre o relacionamento, mas o relacionamento em si.



**Figura 2.** Elaboração da conversa entre casas e deuses no contexto da pandemia, Catamarca, 2020. (Fotografia: Ignacio Haber Ahumada).

O conhecimento hegemônico colonial moderno, operacionalizado pela metodologia da pesquisa, opera como um bisturi nas relações em que habitam os conhecimentos locais, extraindo daí seus recursos ou dados e inserindo-os em regimes de cuidado completamente distintos: os da ciência moderna. Mas também extrai as subjetividades humanas dos pesquisadores, desacopla seus corpos em relação e os insere nos procedimentos protocolados pela metodologia da pesquisa. O enorme volume de violência que se exerce sobre os corpos de investigação é boa parte da origem da violência que a investigação (esses mesmos corpos de investigação) exerce sobre os seus próprios mundos.

As condições epistêmicas do conhecimento hegemônico não se reduzem ao seu conteúdo; Ao questionarmos o que é que consideramos conhecimento, que forma ele tem, que lugares ocupa no mundo, deparamos-nos com a noção de metaconhecimento, que é aquilo que configura as lutas de sentido pelo conhecimento e com o território. Entendido como um conjunto de enunciados linguísticos sobre a realidade, metaconhecimento é uma apreensão intelectual da realidade que, por definição, está fora do conhecimento. O conhecimento é assimilado a um bem, acumulativo e intercambiável, e então é capaz de mercadoria. O conhecimento é topologicamente distribuído: há lugares de conhecimento e lugares que são conhecidos, sujeitos que conhecem um mundo que é conhecido. As relações de conhecimento são unidirecionais, intelectuais, mediadas pela escrita alfabética, corporificadas por um sujeito que pensa sem sujeição, ou seja, universal. A disposição intelectual para o conhecimento é anterior à relação, que é entendida como uma relação metodologicamente modulada para que o conhecimento seja replicável e verificável e, portanto, pretensamente universal.

Mas também pode surgir uma gnosiologia diferente, outro metaconhecimento. Nesta epistemologia, que em homenagem ao território relacional deste texto me permite chamá-la de “catamarcana”, o conhecimento não é intelectual ou abstrato, mas concreto e corporal. Não é topologicamente distribuído, mas sim disseminado; não é exclusividade de cientistas e técnicos, mas emerge das relações, que não são exclusivamente entre humanos, mas entre humanos, coisas e deuses, na comunidade ampliada dos seres. Não há disposição intelectual para o conhecimento anterior ao relacionamento, mas o conhecimento é a consequência natural do relacionamento na comunidade local de seres. O conhecimento não requer enunciação ou qualquer mediação linguística. A conversa da comunidade estendida de seres não é necessariamente linguística, embora também possa ser. Não possui normas metodológicas externas à situação, mas é regulado por teorias locais de relacionalidade. Não depende de um desacoplamento das relações sociais, mas está ligado às relações entre os corpos (humanos, coisas, deuses, lugares, vírus, etc.). O conhecimento não é o instrumento para dominar a vida, mas sim a própria vida.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANGUERO CAMACHO, Viviana. *Cimarroneando-ando: entre el viche y el mango viche*. Tese doctoral, Doutorado em Antropologia, Universidade do Cauca, Popayán, 2017.
- GROSSO, José Luis. Semiopraxis en contextos interculturales poscoloniales. Cuerpos, fuerzas y sentidos en pugna. *Espacio Abierto*, v. 17, n. 2, abr-jun, 2008, pp. 231-245.
- HABER, Alejandro. Severos Ernst und Antolíns Paradoxon. In: FRANKE, Anselm & ALBERS, Irene. (orgs.). *Nach dem Animismus*, , Berlin: Kulturverlag Kadmos. 2016. 217-225.
- IRIARTE, Daniela. Localidad de Villa Vil: de la relocalización como razón científico-técnica hacia la emergencia de una teoría local del conocimiento. *Estudios sobre el ambiente y el territorio* 8. INTA, Catamarca. 2013
- REMENTERÍA, Marcela. *Compresiones relacionales de la virgen del valle. Una cartografía del territorio epistémico*. Tese doutoral, Doutorado em Ciências Humanas. Faculdade de Humanidades, Universidade Nacional de Catamarca, Catamarca, 2015
- SÁNCHEZ ANTELO, Victoria. *Re-escritura*. Seminario Epistemologías críticas y decolonialidad. Doutorado em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Buenos Aires. 2011.